

PREFÁCIO

por Miguel Arroyo

Este trabalho desloca a forma tradicional de tratar a reprovação e traz essa velha prática para o terreno dos comportamentos, dos valores, da cultura docente. Continuar reprovando ou acabar com essa prática virou um incômodo. Por quê? Nos debates entre os que são contra ou a favor da reprovação o que fica a descoberto são nossos valores, nossas crenças e culturas.

O debate sobre a reprovação toca em atitudes, comportamentos, valores, conseqüentemente expõe feridas. Incomoda. Provoca reações, resistências no íntimo da gente. Vitor Paro, sempre tão próximo da escola, dos seus profissionais, constata que há incômodos, resistências no campo dos valores e comportamentos. Há tensões no terreno melindroso da cultura escolar e docente. Vejo este ponto como um dos méritos do trabalho.

Seu olhar desvela onde está o incômodo que vem perturbando a paz da docência. Não tanto no fracasso, na reprovação, mas na resistência a ter ou não ter de reprovar. Que estaria acontecendo? O confronto está instalado na categoria docente em torno de uma das práticas corriqueiras, aceita como natural: reprovar e dormir tranquilos. "Reprovo, sim, e durmo em paz com minha consciência." De uns tempos para cá, a intranqüilidade se instalou na categoria docente, alguns estão intranqüilos por reprovar, muitos, incomodados por não reprovar. Um confronto de valores.

O imaginário escolar e docente aparentou por décadas dormir em paz, porém sempre nossos sonhos estiveram perturbados por pesadelos. O pesadelo do fracasso escolar, da reprovação, da defasagem e da retenção. Diminuir os índices era a meta, através de medidas paralelas como recuperação, reforço, turmas especiais...

Na última década surgem medidas bastante mais radicais. Passamos a duvidar; nos perguntamos se existe, por acaso, qualquer teoria pedagógica que justifique a reprovação-retenção; se somos nós, docentes, quem reprovamos ou estamos a serviço de uma estrutura seriada, gradeada, disciplinar e disciplinante que é seletiva e peneiradora; se essa estrutura se legitima em uma cultura social e política segregadora e excludente; se a escola e os docentes não incorporam ingenuamente essa cultura social e política...

Estamos em tempos em que os pesadelos se tornaram inquietações e nos levaram a abandonar as tradicionais medidas paliativas com que tentamos, em vão, rebaixar lentamente teimosos índices de reprovação/retenção. Levaram-nos a pensar em medidas radicais contra a reprovação. Por que essa radicalidade?

Aqui situa-se o trabalho de Vitor Paro: a tensão está em que estas medidas trazem a reprovação para o campo educativo. Que sentido ou falta de sentido *educativo* tem reprovar uma criança, adolescente, jovem ou adulto em seu percurso de formação? Reprovando estaríamos renunciando a nosso perene ofício de educar? Este é o novo incômodo docente que aqui se desvela. Reprovar ou não reprovar nos incomoda tanto porque nos obriga a repensar nossa condição de docentes-educadores.

À medida que nas últimas décadas fomos nos afastando da lógica mercantil, utilitária e cientificista que invadiu nossa cultura docente e fomos nos aproximando da lógica educativa, formadora de sujeitos humanos, teríamos de chegar a colocar essas questões no campo educativo: se nos reconhecemos educadores-docentes que temos por ofício formar os educandos, que sentido tem reprovar, reter, excluir?

Vitor Paro nos puxa com a paixão que o caracteriza para nosso terreno: a condição de docentes-educadores. Somente aí desfaremos o incômodo da reprovação. Reprovando estaríamos renunciando a sermos educadores? Eis uma forma radical de deslocar o trato dado por décadas ao fracasso e à reprovação escolar: desafia-nos a enfrentá-

los como profissionais das artes e saberes da formação humana. Isso é bem mais desafiador do que justificar a reprovação porque nos vemos apenas como competentes docentes de um recorte dos saberes e competências escolares.

Poderíamos indagar-nos porque uma prática que era tão natural, que era um comportamento docente tão aceito virou uma tensão pessoal e coletiva? Por causa dos ciclos, da progressão continuada ou da promoção automática? Essas medidas podem, apenas, ter contribuído para deixar ainda mais expostas as feridas e para explicitar novas sensibilidades profissionais.

Possivelmente a reprovação chega a incomodar-nos tanto porque nossas sensibilidades humanas foram reeducadas nas lutas por nossos direitos, nas lutas contra tantas formas de exclusão como as relativas aos negros, aos trabalhadores, às mulheres, aos indígenas... Como não sermos, também, sensíveis para com as perversas formas de seleção e exclusão que acontecem na escola e em nossa própria prática docente?

Nas últimas décadas mudamos como categoria. Estamos em condições de perceber melhor que quando reprovamos e retemos um aluno nos reprovamos como humanos. Em cada ação, escolha ou prática escolar nos colocamos em jogo, percebemos que estamos julgando seres humanos com as mesmas lógicas seletivas e excludentes com que nos descobrimos julgados e excluídos. Descobrimos que reprovamos mais do que um aluno em nossa matéria. Reprovamos um ser humano homem, mulher, criança, adolescente, jovem ou adulto trabalhador ou trabalhadora em seu percurso social e cultural: sua auto-imagem, sensibilidades, identidades, projetos de vida, emoções, afetividades. Mexemos em sua identidade social, coletiva, em seus processos de formação. Como reprovar e reter esses delicados percursos humanos em que cada criança e adolescente se formam e dormem tranquilos?

Vitor Paro nos desafia a acompanhar nossos percursos na construção de nossas próprias auto-imagens, de nossos valores e de nossa cultura docente; nos convida a perceber que resistimos, não tanto a não reprovar, mas a fazer esse tenso, pessoal e coletivo percurso na redefinição de nossos valores.

Para além de uma anatomia do processo reprovador, este livro faz uma anatomia de nosso papel reprovador. De nossa personalidade, de nossas crenças, de nossos valores, imagens e auto-imagens docentes.

Por isso, quem se aventurar na leitura deste trabalho saiba que será tensionado.

Agosto de 2001.

SUMÁRIO

Introdução	13
I Uma escola preocupada em acertar	21
1 Localização e funcionamento	21
2 O cuidado com a qualidade	25
3 A democracia e o respeito aos usuários	29
II Ciclos, progressão continuada, promoção automática	33
1 Avaliação como processo (controle da eficiência do trabalho)	33
2 Ensino/aprendizado como processo de trabalho	35
3 Avaliação educativa como processo contínuo	39
4 Avaliação e construção da autonomia	43
5 Mudar a avaliação	47
6 Ciclos, progressão continuada e promoção automática	49

III A anatomia do processo reprovador	57
1 A presença da reprovação	58
2 A resistência à aprovação	70
2.1 Os aspectos socioculturais da resistência à aprovação	72
2.2 Os determinantes psicobiográficos e a personalidade do educador	88
2.3 Determinantes institucionais do apego à reprovação	98
2.4 As implicações didático-pedagógicas do apego à reprovação	109
A reprovação como “motivação”	109
“Alunos passam sem saber”	112
“Se a vida lá fora reprova...”	115
A culpa do aluno	117
Silêncio e disciplina	123
O ciclo para pobre	126
O apego à seriação	129
“Recuperação”	135
Auto-avaliação, autodisciplina, autoconceito	138
O que torna o ensino ruim	147
 Conclusão – superar a reprovação	 157
 Referências bibliográficas	 165